

Pedro de Camargo Neto,
Presidente da Abipecs (Associação Brasileira da Indústria
Produtora e Exportadora de Carne Suína)

Suíno sem barreiras

Por Bruno Blecher

SANIDADE é a palavra de ordem na Abipecs (Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína). “É a nossa prioridade número 1, 2 e 3”, afirma Pedro Camargo Neto, presidente da entidade que, até o final deste ano, pretende abrir todas as portas do mercado europeu para a carne suína brasileira. “Vender à Europa não representa muito em receita. Os países de lá também produzem carne suína e impõem uma série de tarifas e quotas para a importação. Mas funciona como uma espécie de chancela, e facilita o acesso a outros mercados, o que pode reduzir a grande dependência que hoje temos da Rússia”, explica Camargo Neto.

A principal barreira à carne suína brasileira no mercado externo é a febre aftosa. “Estamos pagando os erros da pecuária de corte, que não consegue erradicar a doença. Quero divorciar o suíno do boi. As análises de riscos que encomendamos a especialistas da área comprovam que as chances de febre aftosa em suínos no Brasil são bem inferiores às dos bovinos.”

Doutor em Engenharia de Produção pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Camargo Neto foi presidente da Sociedade Rural Brasileira, secretário de Produção e Comercialização do Ministério da Agricultura e um dos idealizadores do FUNDEPEC (Fundo de Desenvolvimento da Pecuária do Estado de São Paulo), entidade que dirigiu entre 1991 e 2000.

AGROANALYSIS Quais são as perspectivas para a suinocultura brasileira?

PEDRO DE CAMARGO NETO As perspectivas para médio e longo prazo são excelentes. A suína é a terceira no *ranking* das carnes e tem tudo para crescer tanto aqui no Brasil quanto no exterior. Agora é a vez do suíno. Como ocorreu no frango, o crescimento das exportações brasileiras de carne suína funciona como um vetor de transformação, de modernização, de aumentos de investimento e da produtividade. Foi assim que a agricultura brasileira, de um modo geral, se transformou. E a suinocultura, seguindo essa linha, cresceu bastante nos últimos cinco anos.

“A biossegurança no suíno é avançada. A integração entre criadores e indústria permite ao país total rastreabilidade da carne”

O salto das exportações nesse período foi elevado. Hoje, porém, o setor vive uma crise estrutural por conta de sua dependência das importações da Rússia, que resolveu suspender as importações do Brasil. É muito difícil entender o mercado russo, não tem qualquer lógica. O governo de lá é fechado, tem transparência zero e a gente não sabe quem decide e nem como decide.

AGROANALYSIS Quanto representam as vendas para a Rússia do total de carne suína exportada pelo Brasil?

CAMARGO NETO Somos ainda muito dependentes da Rússia, que compra 65% do volume que o Brasil exporta de carne suína. Por conta desse problema, os números da exportação este ano não vão repetir os de 2005. No ano passado, o Brasil exportou US\$ 1 bilhão em carne suína. Foi um valor recorde. Embarcamos 600 mil toneladas de carne. Para este ano, nós esperávamos um número semelhante, até com crescimento. Mas hoje está difícil prever alguma coisa. Não sei se o mercado russo vai abrir ou não. No médio prazo, as possibilidades do Brasil são bastante promissoras. Nós somos os maiores exportadores de carne de frango, os maiores exportadores de carne bovina em volume e quarto em suínos. Temos de alcançar na suinocultura a segunda ou terceira colocação do *ranking* mundial e depois vir a nos tornar os maiores exportadores também em suínos. Este é o grande desafio.

AGROANALYSIS Por que o Brasil não é também o primeiro do *ranking* mundial na suinocultura, a exemplo do que ocorre com os bovinos e a avicultura?

CAMARGO NETO Nós ainda não vendemos para os principais mercados: Japão, Coreia, EUA, México, Canadá e para os países da Europa. Só vendemos para a Rússia, Europa Oriental, Hong-Kong, Cingapura e América do Sul. Dos principais mercados, porém, nós estamos fora por causa das barreiras sanitárias. Hoje, a questão principal é a febre aftosa. O suíno está pagando a conta dos equívocos da pecuária. Os focos de febre aftosa hoje são

todos de bovinos. Não temos focos em suínos há muito tempo. Mas a Organização Internacional de Saúde Animal não faz diferenciação de espécies, mas avalia a doença. No caso da febre aftosa, ela não considera que o risco em suínos é menor que o risco em bovinos.

AGROANALYSIS Tirando a aftosa, o Brasil atende todas as demais exigências dos grandes importadores de carne suína?

CAMARGO NETO Atende. A peste suína clássica, embora o Brasil ainda não seja totalmente livre, não é problema. A qualidade da carne suína é muito boa, e temos tecnologia de nível elevado. A biossegurança do Brasil nesta área é avançada. O fato de a maior parte de a suinocultura brasileira adotar a integração entre criadores e indústria permite ao país total rastreabilidade da carne.

AGROANALYSIS O Brasil é competitivo na carne suína?

CAMARGO NETO Somos competitivos. Não temos o diferencial de preços que existe em bovinos e em aves. O bovino que come capim, produzido na *brachiaria*, é muito barato. Mas nós temos que avançar muito mais para sermos o primeiro do mundo na comercialização de carne suína. Precisamos avançar na área de sanidade, que necessita de políticas públicas estaduais e federais. Este é o grande desafio da Abipecs. Desenvolvemos aqui ações para a sanidade. Nós tentamos induzir e apoiar os planos estaduais e federais de sanidade animal. Fazer com que eles funcionem na prática. Investimos muito em treinamento. Buscamos funcionar como um vetor de transformação, valorizando os profissionais que atuam na área de sanidade animal. Apoiamos programas de reciclagem nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, principais pólos de produção de suínos do país. Em agosto, nós pretendemos realizar uma “missão simulada” da União Europeia nas regiões produtoras. Uma espécie de auditoria na área de sanidade. Depois vamos chamar os técnicos da União Europeia para ver se conseguimos liberar a

venda de carne suína brasileira no mercado europeu. A missão da UE, quando vem para cá, avalia questões como a vigilância sanitária, a biossegurança e controle de resíduos. Esperamos estar preparados até o final do ano para receber a aprovação da UE para exportar carne suína aos países da Europa.

AGROANALYSIS Quanto a Europa vai representar para o crescimento das exportações brasileiras?

CAMARGO NETO Os países da UE não são um grande mercado em volume para a carne suína. Eles já produzem carne suína e impõem restrições à importação como quotas e tarifas. Mas é um mercado de grife, de prestígio e dá ao exportador uma espécie de chancela, de certificação de qualidade e de sanidade.

AGROANALYSIS O brasileiro ainda demonstra um certo preconceito em relação à carne suína. O consumo aqui é baixo se comparado, por exemplo, ao de países da Europa.

CAMARGO NETO O consumo interno é baixo, caiu nos últimos anos e hoje está por volta de 11 quilos *per capita*/ano. Já chegou a 13 quilos. Nós perdemos dois quilos nos últimos anos, como resultado do sucesso das exportações. Nos últimos dois anos, exportamos muita carne, a preços baixos, e o produtor ganhou muito, não só as empresas. Conseqüentemente, os preços da carne suína por aqui subiram, enquanto os da carne bovina e do frango estavam bem mais atrativos para o consumidor. O suíno perdeu espaço no mercado interno. Agora, com a crise da Rússia, os preços caíram e devemos recuperar as



“Somos ainda muito dependentes da Rússia, que compra 65% do volume que o Brasil exporta”

“O consumo interno é baixo, caiu nos últimos anos e hoje está por volta de 11 quilos per capita/ano”



vendas no mercado interno. Eu não tenho dados ainda, mas dá para perceber que estamos vendendo mais. Mas voltando à sua pergunta, quando eu cheguei à Abipecs, encomendei uma pesquisa sobre consumo de carne suína no Brasil. O resultado revelou duas grandes questões. Em primeiro lugar, mostrou que o consumidor ainda considera a carne suína como gordurosa. Aquela antiga visão do porco tipo banha. A pesquisa indicou também que o consumidor ainda tem medo da cisticercose, doença causada pela larva da *Taenia solium*. Isto também não existe mais. O porco criado em granja não traz mais este risco ao consumidor. Na pesquisa aparece também que o consumidor acha a carne suína mais saborosa. Eu não estou convencido de que os problemas são apenas estes. Acho que existe pouca disponibilidade de cortes diferenciados.

AGROANALYSIS Campanhas e promoções não poderiam incentivar o consumo de carne suína no país?

CAMARGO NETO Temos uma verba muito limitada na Abipecs para ações de *marketing*. E optamos por utilizá-la com os formadores de opinião. Nós temos um projeto na área médica. Em alguns congressos de cardiologia e de nutrição organizamos jantares em que o principal prato é a carne suína. Distribuímos folhetos para os médicos mostrando as qualidades e os benefícios da carne suína. Além disso, fazemos alguns trabalhos na área *gourmet*. A área de *marketing* não é a nossa

prioridade. A prioridade um é a sanidade, a dois também é a sanidade e, a três, é sanidade. Se a gente resolver o problema da sanidade, o resto é consequência.

AGROANALYSIS Resolvido o problema da sanidade, o próximo desafio da suinocultura será a questão ambiental.

CAMARGO NETO Não só a questão ambiental, como também o bem-estar do animal. Mas não devemos colocar o carro na frente dos bois. Não resolvemos o problema da sanidade animal ainda. Nós recentemente contratamos dois professores, um deles da Universidade de Colorado, o maior especialista em análise de riscos e, o outro, também especialista, da Universidade de Brasília. Nós encomendamos a eles uma análise de riscos sobre aftosa em suínos. O estudo foi realizado pelo MAPA, com a consultoria dos dois especialistas. E ficou caracterizado que o risco da aftosa em suíno é bem menor que em bovinos. Até porque suíno não se vacina. A locomoção dos suínos, por conta da integração, é mínima. A contaminação dos suínos, via alimentação, é remota, uma vez que as rações são bem controladas. Para se contaminar, o suíno precisaria ter contato com um bovino infectado. E mesmo nas regiões atingidas pelo último foco de aftosa, em Mato Grosso do Sul, ficou comprovado que os suínos não foram contaminados pelos bovinos. Por via das dúvidas, eles foram até abatidos, mas não estavam doentes. Por tudo isto, estamos tentando convencer, juntamente com o governo fe-

deral, os governos estrangeiros de que eles estão cometendo uma grande injustiça.

AGROANALYSIS Os recentes focos de febre aftosa em Mato Grosso trouxeram sérios prejuízos à pecuária. O que falta ao Brasil para erradicar a doença de vez?

CAMARGO NETO A fragilidade é total nesta questão da sanidade. Nós gostamos de viver perigosamente. Muito pouco ou quase nada foi feito nesta área. Tivemos o foco de Eldorado e não houve uma reação. Não houve aumento na vigilância. Meu trabalho aqui na Abipecs é divorciar o suíno do boi. Com a percepção de que se o boi não faz nada, eu quero estar longe dele. Se é que isto é possível. Hoje o suíno paga pelos erros do boi. E ele tem que se afastar do boi, com análise de riscos, biossegurança, rastreabilidade. Eu nunca coloco a culpa no governo. O governo é o reflexo da sociedade. Falta agilidade, falta estrutura, falta dinheiro. Os sustos como o de Mato Grosso do Sul fazem as coisas se mexerem, mas só um pouco.

AGROANALYSIS O Brasil venceu algumas batalhas importantes no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC) contra os subsídios concedidos pela União Européia aos produtores de açúcar e pelos EUA ao algodão. Como o senhor avalia o desempenho do País nas negociações internacionais?

CAMARGO NETO Foram duas grandes vitórias: a do algodão e a do açúcar. A União Européia usou o contencioso para mudar a sua política. Quando o Brasil ganhou, a UE já havia tomado a decisão de mudar e as coisas estão andando. No caso do algodão foi diferente. O Brasil ganhou, mas os EUA não alteraram a sua política. O governo brasileiro tem vacilado. Os EUA já deveriam ter mudado a sua política de subsídio ao algodão. Eles não fizeram nada. Eles se limitaram a dizer que em agosto vão tirar a menor parte dos subsídios. E o resto? Nós ganhamos, mas ainda não aconteceu nada. Os produtores de algodão, que foram muito competentes e custearam os custos jurídicos, parecem que esqueceram desta questão. Nós conseguimos uma grande vitória e a estamos desperdiçando. ■